

## *Sobre jornalismo – About Journalism – Sur le journalisme*

*Revista científica internacional de acesso aberto  
publicada em versão eletrônica e impressa*

<http://surlejournalisme.com/rev>

### **Chamada de Trabalhos**

## *Jornalistas e construção midiática dos problemas públicos*

Data de publicação da chamada: **1º de maio de 2021**

Data final para recebimento dos artigos completos: **1º de dezembro de 2021**

Editores da edição temática:

France Aubin (Université du Québec à Trois-Rivières, Canadá)

Erik Neveu (Université de Rennes 1, França)

Paula de Souza Paes (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)

Como se sabe, pelo menos desde Gusfield (1981), um fato social só se torna objeto de preocupação, de reivindicação e de debate – eventualmente, de políticas públicas – após um trabalho de conversão por parte de diversos operadores (Best, 2008; Neveu, 2015). Entre eles estão os jornalistas e, de uma forma mais ampla, as mídias, que contribuem para a construção de problemas públicos, apresentando os interlocutores envolvidos, as questões levantadas e as possíveis respostas em termos de ação pública.

Num momento em que o jornalismo atravessa uma dupla crise, de rentabilidade e credibilidade (Poulet, 2011; Descôteaux, Brin, 2018; Benton, 2019), como entender seu papel na construção dos problemas públicos? Este dossiê temático busca discutir o trabalho, duplamente competitivo, de luta pela validação de problemas e propostas concorrentes e o seu “enquadramento”. Que lugar os jornalistas ocupam nesses processos? Que mudanças a nova ecologia da informação (uso intensivo de redes sociais digitais, multiplicação de produtores e compartilhadores de informação) (Rebillard, Smyrniotis, 2010) traz para a gênese dos problemas públicos?

Convidamos para submissão de artigos em torno dessa temática: a relação das mídias de informação generalistas e de jornalistas com a construção de problemas públicos. Três eixos de contribuição são sugeridos, sem excluir outras propostas.

### **1. Os jornalistas como mediadores**

Historicamente, as mídias têm desempenhado um papel importante na divulgação de opiniões, informações e análises sobre questões de interesse público. Vários

pesquisadores(as) demonstraram as relações entre a emergência de um problema público, o nascimento de “subcampos especializados” (do jornalismo) e a especialização dos jornalistas (Padioleau, 1976). Essa dinâmica também diz respeito ao papel das editoriais e ao surgimento de mídias online especializadas (blogs, *podcasts*).

Os jornalistas contribuem para dar visibilidade, bem como para dar forma aos temas públicos e a numerosas questões que se colocam sobre o meio ambiente e as mudanças climáticas (Comby, 2015; Hertsgaard, 2020; Schields, 2020), sobre a política (Gaxie, 2003; Mitchell et al. 2017; Dias, 2019), sobre a saúde (Marchetti, 2010), sobre a imigração (Benson, 2014; Paes, 2018), sobre a pobreza (Demers, 2017), sobre a estigmatização de bairros das cidades (Wiard et Pereira, 2018) ou ainda sobre situações de crise como a do controle de armas de fogo (Aubin, 2018), do terrorismo (Marthoz, 2017) ou da Covid 19 (Eutrope et Rodier, 2020; Powell, 2020).

Ainda que a relação entre as mídias e os movimentos sociais possa ter sido atravessada por tensões, causadas principalmente pelas rotinas jornalísticas (Francoeur, 2012), a contribuição dos movimentos sociais para a construção dos problemas públicos tem contado com uma relativa abertura das mídias. Também a situação de certos denunciadores (“*whistleblowers*”) representa de forma emblemática a relação ambígua que as mídias mantêm com suas fontes, em particular quando entram em jogo os “efeitos de campo” (midiático e diplomático), como no caso Wikileaks, em que a lógica da mediação foi prejudicada (de Neuilly, 2014).

Uma possível pista de análise para compreender as complexas relações de cooperação-conflito entre jornalistas, de um lado, e *whistleblowers*, movimentos sociais e apoiadores de uma causa, de outro, seria explorar as retóricas dos atores engajados em problemas públicos. Existem enquadramentos, narrativas e argumentações que passam mais facilmente pelos processos de *gatekeeping* e suscitam mais facilmente a atenção e a cobertura da imprensa e das mídias? Um estudo como o de Henry (2007) sobre os enquadramentos sucessivos da questão do amianto na França sugere que sim. A crise econômica, que reduz as redações e os recursos dos jornalistas, os torna mais permeáveis às pressões e artifícios das fontes, quer se trate de promover um problema ou de evitar sua emergência? Como evoluem as relações de associados-rivais entre imprensa e fontes: cooperação assumida, conivência política, instrumentalização?

## 2. Os jornalistas como promotores de problemas públicos

Deve-se então considerar o jornalismo como um campo estruturalmente dominado pelos campos político e econômico e, portanto, condenado a uma função de transmissão, pouco capaz de promover de forma autônoma problemas públicos? Pode-se objetar através de contra-exemplos ilustres. De Albert London a George Orwell, passando por Nelly Bly e, mais recentemente, Barbara Ehrenreich (2001), alguns jornalistas optaram por fomentar os problemas que quiseram inscrever na agenda política. Inclusive, esses sucessos não se restringem às estrelas da profissão ou às questões altamente impactantes. O Prêmio Pulitzer 2020<sup>1</sup> foi concedido a um repórter do *New York Times* pela questão “trivial” da exploração de motoristas de táxi por meio de contratos abusivos, que resultou em inquéritos públicos e reformas.

---

<sup>1</sup> <https://www.pulitzer.org/winners/brian-m-rosenthal-new-york-times>

É possível apresentar casos nos quais o jornalismo seria hoje o lugar em que problemas públicos são promovidos de maneira autônoma? Categorias como “pânicos morais” (Cohen, 1972) e o *crusadism* têm seu ponto de partida nas mídias? Ou, no contexto da desregulamentação do mercado da informação – em que a credibilidade dos jornalistas está diminuindo rapidamente em proveito de outros produtores de conteúdo –, as coisas estariam mudando? Como a relação do jornalismo com problemas públicos é afetada pela indefinição de um *continuum* entre militantes que produzem informações, criadores de formas independentes de jornalismo e jornalistas que se definem como engajados(as)? Um caso exemplar para se pensar a respeito seria o do francês David Dufresne, que deu visibilidade à violência policial sofrida pelos Coletes Amarelos (os *gilets jaunes*) na França<sup>2</sup>.

A questão do *fact-checking* sugere outra pista de análise. De seu surgimento na imprensa americana no início do século XX (Bigot, 2017) até a recente criação de agências de checagem de fatos, os(as) jornalistas têm trabalhado para transformar em problema público a questão da educação midiática, como forma de responder à explosão das *fake news*/ informações falsas e evitar debates sociais inviáveis causados pela polarização. A colaboração das mídias de informação em numerosos projetos de educação midiática é parte de um trabalho de conversão em que, por exemplo, pandemia e infodemia – a propagação de rumores e informações mentirosas – estão associadas (Frau-Meigs, 2020; Dolbeau-Bandin e Jaubert-Michel, 2020). Mas educar o público sobre o que é informação confiável encerra a discussão sobre essas questões? O sucesso de notícias falsas, às vezes grotescas, não poderia ser o sintoma da falta de cobertura midiática sobre questões que preocupam determinados públicos, de males sociais que não têm porta-voz ou têm porta-vozes considerados(as) inacessíveis? Seria pertinente tentar interpretar pelo menos uma parte dos discursos conspiratórios (Danblon e Nicolas, 2010) ou das notícias falsas como circuitos de derivação na expressão de questões que não conseguem se constituir como problemas públicos ou que o mundo jornalístico não consegue abarcar?

O jornalismo investigativo ocupa também um lugar importante nos processos de relegitimação e de defesa da autonomia da profissão jornalística. É o caso principalmente do jornalismo chamado global, que valoriza o trabalho cooperativo de redações em diversos países, combatendo múltiplos desvios, o aumento das desigualdades, a impunidade dos mais ricos e dos Estados que os protegem. Mas a mesma questão se coloca: que repercussão tem o trabalho de centenas de jornalistas reunidos(as) em um consórcio que está acima dos Estados-nação, que parecem eles próprios desconectados das questões promovidas pelos jornalistas?

### 3. Problemas públicos sem jornalistas?

O surgimento de um quinto poder (o público) ou o aumento de sua importância no debate público (Bernier, 2016), inclusive no que diz respeito ao papel e estatuto das mídias, é acompanhado pela construção de problemas públicos que parecem acontecer sem passar pelos jornalistas e aparecem em diferentes plataformas, como Facebook e Twitter. Pode-se evocar o assédio sexual com #metoo e suas diferentes variantes geográficas, incluindo o feminicídio (Paiva, 2019) e a violência doméstica contra as mulheres; a violência policial com o movimento dos Coletes Amarelos; o controle das armas de fogo nos Estados-Unidos com #NeverAgain; o racismo estrutural com #idllenomore; ou ainda o movimento brasileiro “NãoFoiAcidente”, que reivindica punições mais severas para motoristas embriagados ao volante (Silva, 2014), e o #BrequeDosAPPs, mobilização dos entregadores(as) empregados pelas plataformas digitais por melhores condições de trabalho.

---

<sup>2</sup> [www.davduf.net](http://www.davduf.net)

Em todos esses casos, pode-se questionar os limites desse desvio. Essas causas e problemas teriam tido o impacto que tiveram se não fossem as mídias “clássicas”? É então a reboque que os jornalistas se interessam por causas que têm origem em outros espaços públicos (Dahlgren, 2000), coletando os testemunhos ali encontrados?

\*\*\*

**Submissão de artigos completos** (30 a 50 mil caracteres com espaço, incluindo referências e notas de rodapé) **até 1º de dezembro de 2021** aos editores do dossiê pelo e-mail:

[france.aubin@uqtr.ca](mailto:france.aubin@uqtr.ca); [erik.neveu@sciencespo-rennes.fr](mailto:erik.neveu@sciencespo-rennes.fr);  
[paulasouzapaes@gmail.com](mailto:paulasouzapaes@gmail.com); [editors.surlejournalisme@gmail.com](mailto:editors.surlejournalisme@gmail.com)

Os artigos podem ser redigidos em **espanhol, francês, inglês e português**.

Os artigos serão avaliados pelo processo revisão cega pelos pares.

*Sobre jornalismo – About journalism – Sur le journalisme* está indexada nas seguintes bases e repositórios de pesquisa: EBSCO Communication Source collection, [Archive ouverte en Sciences de l'Homme et de la Société \(HAL-SHS\)](#), [DOAJ](#), [EZB \(Elektronische Zeitschriftenbibliothek\)](#), [Mir@bel](#), [Sudoc](#), [Sumários.Org](#), WorldCat (OCLC). Inscrita na lista de revistas qualificadas na França (HCERES). Avaliação Qualis-CAPES 2013-2016: B5

### Bibliografia sugerida

Aubin F., 2018. « [Les mouvements sociaux et la mise à l'agenda des problèmes publics : le problème en construction du contrôle des armes à feu aux États-Unis](#) », *Les enjeux de l'information et de la communication*, n°19/3A, pp.11-25. Disponible sur : <https://lesenjeux.univ-grenoble-alpes.fr/2018/supplement-a/01-les-mouvements-sociaux-et-la-mise-a-lagenda-des-problemes-publics/>

Benson R., 2014. *Shaping Immigration News: A French-American Comparison* (Communication, Society and Politics), Cambridge: Cambridge University Press.

Benton J., 2019. Why do some people avoid news? Because they don't trust us — or because they don't think we add value to their lives? *Nieman Lab*. Disponible sur : <https://www.niemanlab.org/2019/06/why-do-some-people-avoid-news-because-they-dont-trust-us-or-because-they-dont-think-we-add-value-to-their-lives/>

Bernier M.-F., 2016. *Le cinquième pouvoir. La nouvelle imputabilité des médias envers leurs publics*, Sainte-Foy, PUL

Best J., 2008. *Social Problems*, Norton: New York.

Comby J-B., 2015. *La question climatique. Genèses et dépolitisation d'un problème public*, Paris : Raisons d'Agir, coll., Cours & Travaux.

Dahlgren P., 2000. L'espace public et l'internet. Structure, espace et communication. *Réseaux*, 157-186.

Danblon E., Nicolas L., 2010. *Les Rhétoriques de la conspiration*. CNRS Éditions. Disponible sur :

[https://www.researchgate.net/publication/306913806\\_Les\\_Rhetoriques\\_de\\_la\\_conspiratio\\_n](https://www.researchgate.net/publication/306913806_Les_Rhetoriques_de_la_conspiratio_n)

Demers F. *et al.* (dir), 2017. « Pobreza e jornalismo - Poverty and Journalism - Pauvreté et journalisme », dossier de la revue *Sur le journalisme*, vol. 6, no 1. Disponible sur : <http://www.surlejournisme.kinghost.net/rev/index.php/slj/issue/view/14>

Descôteaux, B., Brin C., 2018. « Federal support will be controversial, but must help media to evolve towards viable business models », *Policy Options Politiques*. Disponible sur : <https://policyoptions.irpp.org/magazines/december-2018/funding-for-canadian-media-the-who-why-and-how/>

Dias I., 2019. « Au Brésil, les journalistes se préparent à la guerre », *Slate*. Disponible sur : <http://www.slate.fr/story/171849/bolsonaro-medias-journalistes-independants-bresiliens-preparation-guerre>

Dolbeau-Bandin, C., Jaubert-Michel E., 2020. « Infoc et Coronavirus Covid-19 : une relative contagiosité ? » Les carnets de la MRSH. Disponible sur : <https://mrsh.hypotheses.org/4774>

Eutrope X., Rodier J., 2020. « Covid-19 : comment cinq médias étrangers ont adapté leur production éditoriale », *La revue des médias*, INA. Disponible sur : <https://larevuedesmedias.ina.fr/covid19-coronavirus-faz-el-pais-guardian-new-york-times-il-sole-24-ore>.

Francoeur C., 2012. « Informer ou in-former? : les formats journalistiques au service du *statu quo* » dans *Commposite*. Disponible sur : <http://www.commposite.org/index.php/revue/article/view/127>.

Frau-Meigs D., 2020. « Épidémie d'infoc : des « gestes barrières » numériques à adopter aussi » *The Conversation*, édition canadienne. Disponible sur : <https://theconversation.com/epidemie-dinfor-des-gestes-barrieres-numeriques-a-adopter-aussi-135219>

Gaxie D., 2003. *La démocratie représentative*, Paris : Montchrestien.

Gusfield J. R., 1981. *The culture of public problems: Drinking-driving and the symbolic order*, Chicago: University of Chicago Press.

Henry, E., 2007. *Amiante : un scandale improbable, sociologie d'un problème public*, Presses universitaires de Rennes, Rennes.

Hertsgaard M., 2020. « Covering Climate Now signs on over 170 news outlets », *Columbia Journalism Review*. Disponible sur : [https://www.cjr.org/covering\\_climate\\_now/covering-climate-now-170-outlets.php](https://www.cjr.org/covering_climate_now/covering-climate-now-170-outlets.php).

Marchetti D., 2010. *Quand la santé devient médiatique. Les logiques de production de l'information dans la presse*, Grenoble : PUG.

Marthoz J-P., 2017. *Les Médias face au terrorisme: manuel pour les journalistes*. Disponible sur <https://chaireunesco-prev.ca/les-medias-face-au-terrorisme/>

Mitchell A., Gottfried J., Stocking G., Matsa K. E., Grieco E., 2017. « Covering president Trump in a polarized media environment » Pew Research Center, Journalism and Media. Disponible sur : <https://www.journalism.org/2017/10/02/coverage-from-news-outlets-with-a-right-leaning-audience-cited-fewer-source-types-featured-more-positive-assessments-than-coverage-from-other-two-groups/>.

- Neuilly (de), Y., 2014. Wikileaks, les médias et la diplomatie: La fuite comme enjeu de consolidation et de brouillage des frontières sociales. *Genèses*, 1(1), 140-158.
- Neveu E., 2015. *Sociologie politique des problèmes publics*, Paris : Armand Colin.
- Padioleau J.-G., 1976. « Systèmes d'interaction et rhétoriques journalistiques », *Sociologie du travail*, n. 3, pp. 256- 282.
- Paes P., 2018. « Miatização de problemas públicos: a coprodução do problema da imigração na França », *Questões Transversais*, vol. 6, n°11, pp. 4-10. Disponible sur: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/17208>.
- Paiva R., 2019. Feminicídio e jornalismo no Brasil: atuação do feminismo nas redes. *Revista Âncora*, v.6, n. 2, p. 48-68.
- Poulet B., 2011. *La fin des journaux et l'avenir de l'information*, Paris : Gallimard.
- Powell A., 2020. « To be seen we must be measured: data visualisation and inequality ». Disponible sur : <https://blogs.lse.ac.uk/mediase/2020/06/26/to-be-seen-we-must-be-measured-data-visualisation-and-inequality/>.
- Rebillard F., Smyrniaos N., 2010. « Les infomédiaires, au cœur de la filière de l'information en ligne. Les cas de google, wikio et paperblog », *Réseaux*, n° 160-161, pp. 163-194, doi: 10.3917/res.160.0163.
- Shields F., 2019. «Why we're rethinking the images we use for our climate journalism», *The Guardian Climate Change*. Disponible sur : <https://www.theguardian.com/environment/2019/oct/18/guardian-climate-pledge-2019-images-pictures-guidelines>
- Silva T., 2014. Comunicação e mobilização: o movimento 'Não Foi Acidente' e a campanha em torno de um problema público no Brasil. *Intercom*, v.37, n.2, p. 113-132, jul./dez. 2014.
- Wiard V., Pereira F. H., 2018. "Bad Neighborhoods in a Good City?", *Journalism Studies*, 20:5, 649-674, doi: 10.1080/1461670X.2017.1417052.